

**Produção de conhecimento sobre as relações de gênero nos Países Africanos
de Língua Oficial Portuguesa**

Natalia Cabanillas

Projeto de Pesquisa para Iniciação Científica

Edital BPI 2024

Identificação do Proponente e Responsável pelo Projeto: Natalia Cabanillas,
professora do magistério superior DE Docente nos cursos de Bacharelado Interdisciplinar
em Humanidades; Licenciatura em História; Mestrado Interdisciplinar em Humanidades.

Telefones: 85 994048824 e 85 997944437 (WhatsApp)

Endereço Eletrônico: nataliacabanillas@unilab.edu.br

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0354485947485345>

Unidade Acadêmica: Instituto de Humanidades, Ceará.

Dados do projeto

Título: Produção de conhecimento sobre as relações de gênero nos Países Africanos de
Língua Oficial Portuguesa

Grande Área (CNPq): Ciências Humanas

Área/Subárea (CNPq): História

Grupo de Pesquisa (DGP/CNPq): Estudos Feministas Africanos (Líder: Natalia Cabanillas)

Linha de Pesquisa: Política, Movimentos e conhecimento

Período de Execução: Início: Março 2025; Término: Fevereiro 2027

Equipe Executora

Nome	Cargo/ Instituição	Hs	Função no Projeto
Natalia Cabanillas http://lattes.cnpq.br/0354485947485345	professora	20	coordenador a e pesquisador a
Mariana Doroteia Bingi* http://lattes.cnpq.br/2208404342131455	Estudante de administração	12 h	integrante da equipe- Pesquisadora IC voluntaria (ex bolsista BPI)
Clara Buanhi Sambu* https://lattes.cnpq.br/1674005375055392	Estudante de Sociologia	12h	Integrante da equipe- pesquisadora IC voluntaria
Yolanda Albino Sanca* http://lattes.cnpq.br/6870273679280971	Estudante do Bacharelado em Humanidades	12h	Integrante da equipe Pesquisadora IC voluntaria
Felismina Jorge Cá* http://lattes.cnpq.br/4293088933347092	Estudante do Bacharelado em Humanidades	12	Integrante da equipe Pesquisadora IC voluntaria
Suzana Jorge Ca http://lattes.cnpq.br/6341982879087091	Estudante da Licenciatura em História	12h	Integrante da equipe Atualmente é bolsista ITecnológica PIBITI CNPq- Projeto “Inovação curricular”
Elizabete Essamai Manga http://lattes.cnpq.br/9683058140310190	Estudante d Pedagogia	5 horas	Colaboradora. Mentoria de estudanes que ingressam na Equipe (Ex bolsista BPI)
Ericânia Almeida Gomes http://lattes.cnpq.br/4116038080418574	estudante do Antropologia-formanda. Ingresso no mestrado em Antropologia Social da UFG em 2025	5h	Colaboradora (ex bolsista BPI)

Diana Duarte Sá http://lattes.cnpq.br/7986413027350773	Estudante de Sociologia	5 h	Colaboradora- ex bolsista BPI
Ana Raquel Silva Reginaldo http://lattes.cnpq.br/1356672493103341	Estudante do Sociologia (graduanda) Estudante do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades	12h	integrante da equipe, Ex bolsista BPI por 18 meses; passou no mestrado e iniciou em junho 2024, bolsista funcap de mestrado.
Maria da Luz Fonseca de Carvalho	Doutorado em Antropologia da UFG	2h	Colaboradora do projeto (egressa do MIH da Unilab e ex-orientanda)

*Candidatas à bolsa BPI 2024, caso o projeto for seleccionado, sendo 2 estudantes mais experientes e 2 estudantes que ingressaram na equipe há 6 meses. Dentre as 4 estudantes, serão seleccionadas as 3 bolsistas BPI.

Resumo

Um dos efeitos qualitativos da lei 10.639 tem sido a eclosão dos estudos africanos nas Ciências Sociais e Humanas no Brasil, dentro dos quais emergem os estudos de gênero sobre países africanos lusófonos, radicados em instituições de educação superior brasileiras; e atravessados pelos feminismos afrobrasileiros, pela agenda antirracista e por uma forma original de internacionalização onde a mirada Sul-Sul é central. A Unilab propicia a confluência de jovens de diversas nacionalidades africanas junto a professoras feministas de diversas áreas do conhecimento, e como resultado, registra mais de 200 trabalhos nesta área desde a sua criação (Cabanillas, Nascimento e Jorge Ca, 2024, no prelo), a maioria dos quais não está publicado. Assim, este projeto busca realizar um balanço da produção acadêmica realizada em instituições brasileiras na área dos estudos de gênero nos países africanos lusófonos nas últimas duas décadas, com o objetivo de mapear as agendas científicas de pesquisa, os problemas e perguntas formulados, assim como as formas de abordagem metodológicas, a partir das quais o mundo acadêmico brasileiro forma um campo de estudos endógeno (Hountdonji, 2006) e um enfoque Sul- Sul sobre as relações de gênero nos países africanos de língua oficial portuguesa. Este mapeamento será realizado através do cruzamento de dados entre: pós graduações em instituições de educação superior brasileiras que lideram a pesquisa na área de estudos africanos e de estudos feministas;

revistas científicas brasileiras com qualis, na área de estudos feministas e estudos africanos; grupos de pesquisa direcionados a esta temática, e atuação de intelectuais destacadas. Como hipóteses, consideramos que Brasil no geral e a Unilab em particular possui condições privilegiadas para se tornar referência nesta área do conhecimento, no entanto, para que isso aconteça precisamos elaborar rotas estratégicas de desenvolvimento das agendas científicas. Brasil, pelo fato de poder desenvolver um olhar que não está estruturalmente atrelado a interesses imperialistas, e sim baseados na cooperação estratégica Sul-Sul; e a Unilab pelo fato de ter um instituto de Humanidades que é forte em termos de estudos de gênero e feministas e em termos de estudos africanos, concentrando estudantes brasileiros e dos Palops.

Introdução

Desde 2003, Brasil iniciou um caminho para democratizar o acesso à educação superior, e a Unilab é um resultado disso: situada nos municípios de Redenção e Acarape no Ceará, e de São Francisco do Conde na Bahia, alcança população nordestina rural ou urbana, que historicamente não teve possibilidade de ingressar no ensino superior. Internacionalizada com acordos de cooperação sul-sul com os países africanos de língua oficial portuguesa e Timor Leste, é uma instituição única no espaço geopolítico da América Latina (página web oficial da Unilab). Os projetos pedagógicos curriculares de esta universidade, apesar das justas críticas que recebem, procuram ecoar conteúdos sobre afro-Brasil e África, no âmbito das humanidades. Uma boa parte do corpo docente (mais de 70 professores/as concursadas no Instituto de Humanidades) possui especialização, mestrado ou doutorado com foco em estudos africanos ou afro-diaspóricos. Para além da questão racial, na Unilab também se abrem outros debates: o acesso, permanência e inclusão no currículo da população indígena, quilombola, cigana, LGTBIQA+, pessoas com deficiência, ou com divergência cognitiva. Assim, a construção de uma educação superior com acessibilidade real mostra ser um projeto sempre inacabado, e que precisa de flexibilidade para permitir que a universidade seja uma instituição porosa, aberta às dinâmicas sociais. A inclusão de população historicamente marginalizada dentro do mundo acadêmico traz para dentro da universidade novos problemas de pesquisa, olhares, metodologias e novas respostas.

Há mais de 2 décadas da aprovação da Lei 10.639/03 e há mais de uma década da implementação da Unilab, resulta importante nos perguntar: como está conformada a agenda de pesquisa sobre países africanos lusófonos no Brasil? Qué perguntas são formuladas? Quais temáticas são abordadas, e quais estão ausentes?

A pesquisa sobre os países africanos se intensificou no Brasil, o que se reflete na existência de 97 grupos de pesquisa cadastrados no diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico y Tecnológico (CNPq) que tem no seu título possuem a palavra “África”, “africana” ou “africaneidades” (Cabanillas, 2024, pp. no prelo). Os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa emergem como um campo de indagações privilegiado devido à partilha da língua: tanto pela presença de estudantes de estes países no Brasil, quando pela escolha dos e das pesquisadores/as brasileiras. Neste ponto, vale lembrar que este projeto se centra na produção intelectual brasileira, onde o recorte “Brasil” é entendido partindo de Paul Hountdonji (2006): refere-se às instituições situadas no território nacional, incluindo os e as autoras brasileiras e estrangeiras. O campo dos estudos de gênero e de estudos africanos são por origem, prática e definição, interdisciplinares. O enquadre de pesquisa privilegiará os programas de estudos centrados em estas áreas temáticas, na história e na antropologia.

Quando falamos da aplicação das políticas de ação afirmativa na universidade, usualmente, as pesquisas abordam a representatividade física, ou seja, o aumento da população negra, feminina, com discapacidade, indígena ou quilombola ou LGTBIQ+ nos corredores da universidade, no entanto, indaga-se com muito menos frequência, o impacto qualitativo das ações afirmativas na atividade fim da universidade, seja pesquisa, extensão ou docência. Quais os novos temas e metodologias que se constroem a partir do ingresso maciço de população afrobrasileira e africana na universidade? Assim, nos interessa realizar um mapeamento quantitativo da produção científica brasileira sobre relações de gênero nos Palops através do levantamento da produção científica desenvolvida em universidades públicas brasileiras que tem maior desenvolvimento de estudos feministas em contextos africanos; mas também nos interessa analisar quais temas e abordagens chegam a ser artigos científicos publicados, e partir destes para uma análises qualitativa, em revistas científicas especializadas em estudos feministas e em estudos africanos. A priori pareceria ser uma tarefa monumental, no entanto, esta produção académica tem sua eclosão no Brasil

nas últimas duas décadas, e no continente africano desde os anos 90s, se consideramos como referência simbólica, a criação da área de estudos de gênero da Codesria no ano 1997, e o mapeamento realizado por Amina Mama em 1996. No entanto, nos países lusófonos, apenas Moçambique possui a consolidação de estudos de gênero desde os anos 1990s, enquanto nos outros países a pesquisa é ainda incipiente.

No universo acadêmico dos estudos feministas africanos, a Unilab mostra-se uma instituição particularmente frutífera para alavancar este campo de pesquisa, desde que as realidades dos PALOPs fazem parte da agenda de pesquisa em ciências humanas, e um terço dos e das estudantes do instituto de humanidades no Ceará, provêm de estes países, sendo a maioria, de Guiné Bissau e de Angola (Web site Unilab em dados). A área de estudos feministas e de gênero em contextos africanos tem crescido na Unilab desde o ano 2020. Em um levantamento de dados realizados à partir de um projeto de pesquisa PIBITI/CNPq, coordenado por mim, junto às bolsistas Cassiane Nascimento (em 2023) e Suzana Jorge (em 2024), identificamos mais de 200 trabalhos de conclusão de curso, dissertações ou monografias, entregues à biblioteca que abordam questões de gênero nos PALOPs, evidenciando que a presença física de estudantes africanos/as impacta nas temáticas de pesquisa escolhidas. Inclusive, a maioria dos registros (50%) correspondem à temas de relações de gênero em Guiné Bissau, seguido por Angola, sendo estas duas, as nacionalidades estrangeiras com maior presença numérica na Unilab.

No decorrer de 2023 e 2024, coordenei um projeto BPI Funcap, com estudos de caso sobre Angola, África do Sul, Brasil e Guiné Bissau. Consideramos nossos resultados de pesquisa mais do que acetáveis para um projeto de iniciação científica de pesquisa internacionalizada, desenvolvido em uma universidade do interior, porém, identificamos uma segunda lacuna: não temos um panorama geral sobre os estudos de gênero em contextos africanos que estão sendo desenvolvidos no Brasil e na Unilab. Como mencionei antes, desenvolvemos já um mapeamento quantitativo da produção científica na Unilab nesta temática no projeto PIBITI/ CNPq, mas este mapeamento tem duas limitações: não foi desenvolvido um mapeamento qualitativo, com a elaboração de um estado da arte; e este mapeamento não abarcou o mundo acadêmico brasileiro, focando-se apenas na Unilab. Durante a pesquisa BPI, também realizamos um estado da arte, porém, focado nos estudos de caso, e centrado na produção de conhecimento em Angola e Guiné Bissau sobre temas específicos: assédio sexual em Angola; rituais felupe, casamento forçado infantil e produção de panos marcados em Guiné Bissau. Neste sentido, este projeto de pesquisa se propõe

preencher essa lacuna: abordar o debate acadêmico realizado até agora no Brasil de 3 países lusófonos: Guiné Bissau, Angola e Moçambique. Os resultados de pesquisa pretendem ser o ponto de partida para qualquer estudante ou pesquisadora que pretenda iniciar estudos sobre relações de gênero em estes países, e que possa, através das publicações resultantes, se situar no debate. Não pretendemos assim realizar estudos sobre temas inéditos, como foi no BPI anterior, e sim gerar uma base a partir da qual outras pesquisas possam avançar.

Interessa a este projeto, indagar sobre a formação da agenda brasileira de pesquisa de estudos de gênero nos países africanos de língua oficial portuguesa, realizando um estado da arte da pesquisa no Brasil nesta área do conhecimento, há mais de 20 anos da implementação da lei 10.639. Interessa também realizar uma pesquisa exploratória dos pontos de conexão com a pesquisa desenvolvida nos países africanos de língua oficial portuguesa, Guiné Bissau, Angola e Moçambique; no intuito de abrir novas indagações; esta parte da pesquisa não pretende ser conclusiva, em parte devido a que a digitalização da produção científica nos Palops não é ainda muito avançada, e é desigual. a priori, pressupomos que a internacionalização Sul -Sul dos estudos de gênero sobre países africanos no país faz parte dos impactos da lei 10.639 e das ações afirmativas no Brasil; assim, enquadraremos esta pesquisa, também, como um análise qualitativo dos impactos na agenda científica da incorporação da população afro-brasileira na universidade e dos conteúdos de história de África como obrigatórios em todos os níveis educativos. No entanto, há algumas distinções, enquanto a produção de pesquisas sobre países como Moçambique tem uma significativa autoria brasileira, na pesquisa sobre Guiné Bissau, encontramos uma contribuição substancial de estudantes de graduação ou pós-graduação guineenses radicados temporalmente no Brasil.

Discussão teórica

Neste apartado, gostaríamos de situar o ambiente intelectual da Unilab partindo de forma breve desde a corrente historiográfica chamada de *Nova História Africana*, a emergência das pesquisas sobre gênero em contextos africanos com conceitos endógenos, até a políticas de ação afirmativa e a 10.639 no Brasil, que abrem espaço para a eclosão dos estudos africanos no Brasil, como parte da agenda de pesquisa nacional. Esta sessão está baseada em um texto anterior da minha autoria, Natalia Cabanillas (2025, no prelo), que será publicado em espanhol como parte do livro *Estudios Feministas Africanos* por la

editorial da Universidad Nacional de La Plata, e que de fato, são resultados das pesquisas realizadas durante o projeto de pesquisa “Gêneros e feminismos na África Global”, financiado pela FUNCAP- BPI.

A *Nova História Africana*, ou historiografia nacionalista, é contemporânea das lutas pela independência africana e pela consolidação de Estados nacionais, tendo como principal expressão editorial a publicação dos 8 tomos da História Geral da África, patrocinada pela Unesco entre os anos 1960s e 1980s, e traduzida no Brasil em 2010 (KiZerbo, 2010). Entre os anos 1950s e 1970s, a história da África passa a ser uma área acadêmica de pleno direito (Curtin, 2010), de caráter interdisciplinar (Ki Zerbo, 2010), e com aportes metodológicos muito significativos, tais como o trabalho com fontes orais (Ba, 2010; Vansina, 2010; Obenga 2010). A coleção enciclopédica “História Geral da África” supera as 8.000 páginas, e nelas, encontramos apenas duas autoras mulheres: Madina Ly Tall, do Mali, e Catherine Coquery Vidrovitch, da França. Embora durante o período em que a obra foi escrita o papel das mulheres nas lutas pela independência e anticolonial já fosse evidente, nenhum dos 230 capítulos aborda a questão do gênero ou da participação das mulheres em qualquer esfera da vida africana. No volume VIII, Ali Mazrui (2011) escreve na introdução, uma seção chamada "Mulheres e soberania". Nela, o autor reconhece a relevância da participação feminina em vários países. Posteriormente, no capítulo 30, o mesmo autor dedica uma seção à "evolução dos papéis de homens e mulheres", com análises importantes, que ocupam 11 páginas das 1.239 que o volume possui. A historiografia africana, assim como muitas correntes historiográficas, nasce com nessa predominância da autoria masculina. As mulheres africanas, no entanto, não demoraram a entrar no debate acadêmico e político a partir de várias áreas do conhecimento.

No final da década de 1980, surgiram as primeiras grandes publicações no campo dos estudos feministas africanos utilizando conceitos endógenos (Andesina, 2012), de alguma forma, acompanhando também o surgimento dos feminismos do terceiro mundo (assim chamados naquela conjuntura). Simbolicamente, o livro que inaugura este campo de estudos é o multipremiado “*Female Husbands, Male Daughters. Sex and Gender in na African Society*” [Maridos femeninos, e Filhas Masculinas. Sexo e gênero numa sociedade africana], da nigeriana Ifi Amadiume (1987). Na etnografia, a autora expõe a existência de estruturas de poder patriarcal e matriarcal superpostas e os trânsitos de gênero na sociedade Igbo Nnobi. A institucionalização deste campo de estudo foi marcada pela fundação do Instituto do Gênero em 1996, no seio da mais prestigiada organização de investigação do continente,

o Conselho para o Desenvolvimento da Investigação em Ciências Sociais em África (CODESRIA), com sede em Dakar, Senegal.

Desde então, a área de estudos feministas africanos cresceu e consolidou um campo de estudos com relevantes contribuições metodológicas e epistemológicas (Jimi Adesina, 2012; Lewis, 2000; Mama, 1996). Inclui os temas centrais de: participação das mulheres na política (Patricia Gomes, 2016; Margarida Paredes, 2015; 2017; Amanda Goetz e Shireen Hassim, 2003; Amanda Gouws, 2005; Nombomiso Gasa, 2007); violência de gênero e violência em contextos de militarização (Amina Mama, 1996; Fatou Sow, 1997; Mona Eltahawy, 2019; Pumla Gqola, 2015; 2021); estruturas familiares, matriarcados e processos de transição ou construção de gênero (Amadiume, 1987; Oyěwùmí, 2021; Zethu Matebeni, 2017); questões relacionadas à agência das mulheres (Saba Mahmood, 2006); masculinidades (Kopano Ratele, 2016); estudos queer (Ekine Sokari & Abbas, 2013) e estudos de sexualidade (Sylvia Tamale, 2011; Matebeni, 2015), entre outros. Hoje, podemos dizer que é um campo de estudo rico e consolidado, em plena expansão no continente e na diáspora.

Em 2024, realizando uma genealogia e um balanço dos estudos feministas em África, assim como dos movimentos feministas e de mulheres no continente, Amina Mama (2024) apontou quanto esta área de estudos e ativismo tem se posicionado como panafricanista e antiimperialista, sendo dois aspectos centrais de um enfoque interseccional sobre a sociedade. A falta de liberdade acadêmica e a repressão política em diversos países africanos têm levado muitas intelectuais a viver e produzir no exílio. Os estudos queer e de sexualidade enfrentam um panorama particularmente difícil, pois nas últimas décadas, a maioria dos estados africanos desenvolveram políticas e leis abertamente homofóbicas. Assim, os estudos queer têm seu epicentro em países específicos e através intelectuais africanas que vivem no exílio.

Na América Latina, dois centros de estudos tiveram um papel crucial no desenvolvimento de estudos africanos: o Centro de Estudos Afro – Orientais, situado na Universidade Federal da Bahia, Brasil, fundado em 1959; e El Centro de Estudios de Asia y África, de El Colegio de México, situado em Cidade do México e fundado em 1963. No Brasil, a instâncias dos movimentos negros, e desde 2003, o ensino da história de África e da cultura afro-brasileira tornaram-se obrigatórias em todos os níveis de ensino básico (Lei 10639); junto com essa institucionalização, multiplicaram-se as cátedras de história da África nas universidades, assim como as especializações e pós-graduações orientadas às relações étnico-raciais e estudos africanos. Hoje, o Brasil conta programas de estudo, revistas acadêmicas e grupos

de pesquisa especializados em esta área de estudo. Como resultado de vinte anos de ensino obrigatório de história afro-brasileira e africana, das ações afirmativas para democratizar o acesso à universidade e um esforço de militância acadêmica sustentado por parte de intelectuais afro-brasileiros, o Brasil possui atualmente uma série de pesquisadoras afrobrasileiras e publicações feministas na área de estudos de gênero, tais como Jacimara Santana (2014; 2018); Patrícia Godinho Gomes (2016) [professora guineense, radicada até 2022 na UFBA], Tatiana Raquel Reis Silva (Silva et al, 2020) e Viviane Oliveira Barbosa (Silva & Barbosa, 2019); Dayane Augusta da Silva (2021), atuantes nas IES, entre outras. O campo dos estudos feministas africanos no Brasil tem se fortalecido com traduções de obras essenciais, de Anne McClintock (2013) e de Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2021), e da coletânea “Queer African Reader” (Sokari & Abbas, 2013), publicando dois volumes em 2018 e 2021, respectivamente sob o nome de Traduzindo África Queer I e II, a partir de um projeto de Caterina Rea.

Acadêmicas africanas têm disputado o campo ativista e acadêmico do feminismo a partir dos anos 1980s e 1990s (Mama, 1996; Lewis, 2000). No entanto, reivindicamos a existência previa daquelas ativistas que abriram caminho para melhorar o exercício de direitos das mulheres e para conseguir viver uma vida digna e justa, seja a liderança espiritual antiescravista de Kimpa Vita no Antigo Reino do Kongo (Sec. XVII), ou a resistência anticolonial da Rainha Okinka Pampa (Sec. XX), defendendo o arquipélago dos Bijagós da ocupação portuguesa; das mobilizações das mulheres sul-africanas contra o controle da mobilidade implantado pelo regime do apartheid (Antunes e Cabanillas, 2024, no prelo), até a insurreição anticolonial pan-étnica, “Guerra das mulheres” na Nigéria de 1929, passando pelas sufragistas egípcias de inícios do século XX (Western, 2021). O presente projeto advoga pela reconstrução das genealogias intelectuais da produção acadêmica brasileira sobre África, no recorte de três países lusófonos e suas relações de gênero; a priori não inscrevemos estes feminismos acadêmicos dentro de uma “onda do feminismo” em específico, o que poderá ser estabelecido, talvez, através da pesquisa e sistematização de dados (Mama, 2024).

A Unilab ocupa um lugar ainda potencial neste debate, pois tem a maior concentração de discentes africanas mulheres dos Palops estudando em uma universidade Brasileira, onde o debate está presente no campo acadêmico contemporâneo, e a partir do próprio corpo docente da área de humanidades e ciências sociais da Unilab. Isso permite, não apenas a

realização de estudos africanos feministas, mas a criação de um ambiente intelectual frutífero e multicultural, através de cujo diálogo pode potencializar os resultados de pesquisa. Para potencializar os estudos e iniciativas de conhecimento existentes, se faz necessário situar a agenda de pesquisa brasileira atual no campo de estudos das relações de gênero no Palops.

Justificativa

O campo de estudos feministas africanos está consolidado na produção de conhecimento em inglês, sendo muito mais incipiente em português. Entendemos que a sua sistematização é relevante para alavancar este campo de estudos e construir rotas de leitura, genealogias, assim como uma análise crítica dos trabalhos acadêmicos até então desenvolvidos, no intuito de entender a formação desta área de pesquisa, suas lacunas e possibilidades nas instituições brasileiras. A partir do projeto BPI 2023/2024, como coordenadora, percebi que não é interessante continuar aportando a este campo com estudos de caso sem antes construir conhecimento para entender qual é nosso ponto de partida. Ficou muito evidente também que não temos quase pesquisas sobre as genealogias de debate nacionais, com alguns honrosos artigos de Guiné Bissau (Godinho Gomes, 2021) e Moçambique (Gasparetto, 2007; 2021; Casimiro, 2007). O desenvolvimento de este projeto de pesquisa, permitirá dar continuidade as linhas de indagação com uma escolha de temáticas e agendas baseada no que já foi produzido no Brasil. Assim também, entender o desenvolvimento de esta área de estudos vai permitir situar os trabalhos lusófonos e os trabalhos realizados na Unilab neste universo. O intuito também é retomar as publicações prévias, como de Patricia Godinho Gomes para Guiné Bissau (2016; 2021) e Dayane Augusta Santos da Silva (2021) para Angola, dialogando com as iniciativas já existentes para sistematizar este campo de estudos. Além disso, nos interessa entender quanto do que é produzido nas universidades brasileiras (mapeamento quantitativo), se traduz em publicação de artigo científico (mapeamento quanti/qualitativo), sendo que esta é a forma mais prestigiada de publicação, assim como o formato com maior velocidade de circulação, se comparado com livros, dissertações e teses. Outro dos objetivos de este projeto é propiciar a formação de jovens cientistas nas tarefas-base da pesquisa, que é a procura bibliográfica e elaboração de um mapa da produção de conhecimento sobre determinado tema. A produção de dados de pesquisa, sua tabulação e comparação, assim como uso de ferramentas no que diz respeito ao análise quantitativo mostrou ser uma formação muito precária entre as graduandas do projeto atual BPI, e este projeto procura encarar essa

problemática. Por este motivo, considere a relevância de elaborar um projeto base que nos permitisse: situar onde estamos nos termos do campo de pesquisa; desenvolver habilidades e conhecimentos essenciais para a realização de pesquisa em qualquer área; permitir as estudantes bolsistas ter um conhecimento geral sobre a área de conhecimento na qual atuam, de forma tal que este projeto as deixe preparadas para lidar com estudos de mestrado.

Por último, um motivo para a elaboração de esta pesquisa reside no intuito de visibilizar a produção científica realizada no Brasil, maioritariamente por mulheres, sobre estudos feministas africanos. Pois, como sinaliza bell hooks (2019, p.35), o discurso da feminilidade negra, nunca foi o silêncio, senão, foi um soliloquio, um monólogo sem ouvintes. Esta afirmação sobre a socialização das mulheres afro-americanas, tristemente, aplica ao mundo acadêmico, onde mulheres não brancas realizam aportes de primeira categoria às ciências sociais e nem assim são citadas; tal é o caso de Saba Mahmood (2006), quem reconceitualiza o termo “agencia”, nas suas pesquisas sobre o revivalismo islâmico em Egito; ou Lila Abu Lughod (2002) com seu aporte para entender a generização dos discursos islamofóbicos; ou mesmo as autoras já citadas neste texto, Oyeronke Oyegumi (2020 [1997]), e Ifi Amadiume (1987), que revolucionam a ideia de gênero e de universalidade do patriarcado. Assim, resulta relevante visibilizar as pesquisas realizadas desde Brasil nesta área de conhecimento. Situar as pesquisas de gênero para entender melhor as sociedades africanas em questão, não como um tema segregado ou restrito apenas à pesquisadoras feministas.

Objetivo Geral

- 1- Analisar a agenda de pesquisa brasileira sobre relações de gênero nos países africanos de língua oficial portuguesa, Guiné Bissau, Angola e Moçambique.

Objetivos específicos

- 1- Mapear a produção de conhecimento em termos de teses, dissertações e monografias em universidades públicas brasileiras chaves, na área temática relações de gênero nos palops, tabelados por país, temas, enfoque metodológico, nacionalidade e autodeclaração racial da autora/ autor da pesquisa.
- 2- Mapear os artigos publicados na área de estudos de gênero nos países africanos de língua oficial portuguesa, nas principais publicações brasileiras especializadas

- em estudos feministas e em estudos africanos, tabelados por país, temas, enfoque metodológico, nacionalidade e autodeclaração racial da autora/ autor da pesquisa.
- 3- Mapear a produção científica na área estudos feministas em contextos africanos por autora, brasileira ou estrangeira radicada no Brasil, identificando os resultados de pesquisa publicados como livros ou capítulos de livros.
 - 4- Realizar um análises qualitativo dos dados obtidos nos pontos 1, 2 e 3 por temas, países (Guiné Bissau, Angola e Moçambique) e anos da produção de conhecimento brasileira em termos de formação de agenda científica
 - 5- Analisar e organizar os artigos científicos produzidos no Brasil sobre relações de gênero nos PALOPs, em particular sobre Guiné Bissau, Angola e Moçambique
 - 6- Elaborar e organizar uma genealogia dos estudos de gêneros nos 3 países selecionados desenvolvida nas últimas duas décadas no Brasil
 - 7- Realizar uma pesquisa exploratória sobre as pesquisas de gênero por país africano de língua oficial portuguesa, partindo dos estados da arte já realizados, e contrapor aos resultados encontrados na agenda brasileira de pesquisa

Método

Inicialmente, este projeto pretendia mapear os 5 países africanos de língua oficial portuguesa, porém, com o recorte de bolsas de IC do edital BPI de 5 para 3, decidimos manter a pesquisa quantitativa para os 5 países, identificando e tabelando os resultados a partir das bases de dados das bibliotecas de IES brasileiras, nas áreas de estudos feministas, estudos africanos, história e antropologia, prioritariamente; e o mapeamento qualitativa, com as leituras e organização do debate será focado em 3 países: Guiné Bissau e Angola, países considerados prioritários devido a serem os maiores contingentes de estudantes da Unilab, por tanto, mais urgente para nossa universidade; e Moçambique por ter maior quantidade de pesquisadoras brasileiras realizando trabalhos sobre este país e por ser o PALOP que tem pesquisa na área de gênero institucionalizada desde os anos 90s. Os estudos qualitativos sobre Cabo Verde e São Tomé e Príncipe serão abordados em outros projetos de pesquisa futuros, ou bem, através de outros editais com bolsa de IC, ou mesmo, com integração de estudantes que realizem a pesquisa de forma voluntária.

A pesquisa será realizada cruzando dados a partir de 3 entradas: acervo online das bibliotecas de IES; no acervo online das publicações científicas especializadas; trabalhos publicados e orientados, por nome de professoras que atuam nesta área. Na busca por instituição, iniciaremos nos acervos das IES que possuem programas de pós-graduação especializados em estudos feministas ou estudos africanos, ou com linhas de pesquisa fortes, tais como UFBA, UFMA, UNILAB, USP, Unicamp, UFRJ; UFSC, UNEB. com foco nos programas de pós graduação especializados em estudos feministas e estudos africanos; e por revistas especializadas; e num segundo momento, será revisada a produção científica por grupo de pesquisa CNPq; e por nome das pesquisadoras renomeadas na área. Em termos de instituições, serão tomadas como referências centrais as seguintes universidades, por ter um histórico vínculo com os estudos africanos: UNILAB, UFBA, UFRJ, UFMA, USP, UNICAMP e UNEB; a partir do primeiro mapeamento poderão ser incorporadas mais instituições. Para o estudo qualitativo serão priorizadas as produções de doutorado e mestrado, enquanto as pesquisas de graduação e especialização serão consideradas unicamente para as análises quantitativas. Cabe mencionar que o mapeamento quantitativo nos acervos das bibliotecas é indicativo e não conclusivo, pois de acordo com a Lei Nacional de Arquivos, os acervos de TCC, dissertações e teses são temporais, e a aplicação da tabela de temporalidade pode variar e cada instituição. As tabelas para colheita de dados serão ajustadas no início do projeto, no entanto, a priori, serão levantados dados sobre: tema; título; país de estudo; instituições; disciplina; autora e orientadora; nacionalidades e autodeclaração racial de ambas; enfoque metodológico, financiamento; com/sem trabalho de campo, entre outras informações chaves.

Os repositórios das publicações especializadas serão priorizadas para o mapeamento das pesquisas qualitativas, no caso do Brasil estão neste recorte: Revista Estudos Feministas e Cadernos Pagu para a área de estudos feministas, ambas as revistas com qualificação A1; Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos (ABE-África); Pós Afro (UFBA); Revista Aye; Njinga Sepe e Capoeira (Unilab); Revista Cadernos da África (UNEB); Sankofa (USP); outras publicações poderão ser incluídas a partir do mapeamento inicial. Lembrando que no caso das revistas científicas, estas serão a base para as análises qualitativas, incorporando todos os registros como parte do acervo de material bibliográfico; já no caso de teses e dissertações, após do mapeamento quantitativo, serão escolhidas as que serão incluídas como material bibliográfico a ser analisado qualitativamente. Assim, será reunido em um único drive, desagregado por país, todo os artigos científicos que se

enquadram como estudos de gênero em algum dos PALOPs, e com elaboração da lista bibliográfica, procederá a ser elaborada uma rota de leitura, e posterior elaboração do estado da arte genealógico e exaustivo para a área de estudos feministas sobre Guiné Bissau, Angola e Moçambique desenvolvidos no Brasil. A separação por países tem uma finalidade prática e não necessariamente científica, desde que o que interessa aqui é entender que tipo de perguntas de pesquisa emergem a partir do Brasil sobre os países africanos?

Com a colheita de dados mais relevantes finalizada, no último semestre nos propusemos elaborar um mapeamento exploratório e quantitativo da produção intelectual lusófona situada fora do Brasil, seja Portugal, seja os países africanos. O análise qualitativo não será a priori considerado devido a que várias universidades portuguesas não possuem livre acesso às suas bases de dados, podendo ser utilizada, como fonte indireta, a publicação na revista Cadernos de Estudos Africanos, entre outras; Interessa também mapear quantitativamente a agenda de pesquisa nos próprios PALOPs, no entanto, entendemos que esta será realizada com uma metodologia similar (repositórios de monografias, dissertações e teses das universidades), mas de forma exploratória e não conclusiva devido aos seguintes fatores: digitalização parcial dos repositórios (todos os casos); publicação física dos livros mais do que no formato ebook (Moçambique e Cabo Verde); desenvolvimento recente dos estudos de gênero (Guiné Bissau); estrutura universitária com poucos cursos de doutorado e mestrado (todos os casos, exeito Moçambique). Entre os PALOPs, podemos considerar de forma mais específica à Moçambique, cuja área de estudos de gênero está consolidada desde os anos 90s, o que não se estende à outros países.

Em termos de dinâmica de trabalho, quem coordena o projeto, junto as 3 bolsistas realizaremos o mapeamento quantitativo de forma conjunta, onde cada bolsista vai ser responsável de um país, e a coordenadora de 2, Cabo Verde e São Tomé. A cada semana, iremos realizando um levantamento nas mesmas instituições, de forma de partilhar particularidades e dificuldades dos acervos virtuais e da tabelação de resultados; este processo é relevante realiza-lo de forma conjunta, pois a formação do IH de humanidade não provêe as estudantes formação para elaboração de dados quantitativos, sendo imprescindível um acompanhamento próximo. Procederemos da mesma forma com os artigos de revistas, e na busca de publicações por nome da pesquisadora. Na segunda etapa, qualitativa, serão analisadas as bases de dados geradas pelo projeto, e serão

conjuntamente, organizadas as rotas de leitura por temas e país. As reuniões semanais serão centrais no acompanhamento da pesquisa, no

Plano de trabalho de cada bolsista

O presente projeto tem como objetivo realizar mapeamentos quantitativos da produção 5 países simultaneamente, onde cada bolsistas abordará um país, e a coordenadora do programa, abordará 2 países insulares: Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

Bolsista 1 (Moçambique):

Primeiro ano

- 1) Mapeamento quantitativo da produção acadêmica brasileira sobre Moçambique:
 - 1.1 - Nos acervos de bibliotecas de IES, considerando teses e dissertações e monografias na temática de estudos de gênero sobre Moçambique.
 - 1.2 - Nos arquivos das revistas científicas brasileiras especializadas em estudos feministas e em estudos africanos, prioritariamente
 - 1.3 Identificação no google acadêmico e outras bases de dados, obras ou textos publicados por nome de acadêmicas especializadas em estudos sobre Moçambique e relações de gênero
- 2) Elaboração de tabela com dados desagregados;
- 3) Análises coletiva e publicação de resultados no formato de poster ou comunicação oral

Segundo ano

- 4) Organização da base de dados por tema, organização e seleção da dos textos que serão parte da análises qualitativa.
 - 4.1- Escolha e organização da rota de leitura
 - 4.2- Leitura, fichamento e análises de resultados
 - 4.3- Escrita do estado da arte da pesquisa sobre relações de gênero em Moçambique realizada desde o Brasil, traçando, agendas, metodologias e temas de pesquisa.
- 5) Mapeamento exploratório da produção acadêmica moçambicana e portuguesa, tabulação de resultados e análises. Escrita dos resultados e produção de um capítulo de livro

Bolsista 2 (Guiné Bissau)

Primero ano

1) Mapeamento quantitativo da produção acadêmica brasileira sobre estudos de gênero e Guiné Bissau:

1.1 - Nos acervos de bibliotecas de IES, considerando teses e dissertações e monografias.

1.2 - Nos arquivos das revistas científicas brasileiras especializadas em estudos feministas e em estudos africanos, prioritariamente

1.3 Identificação no google acadêmico e outras bases de dados, obras ou textos publicados por nome de acadêmicas especializadas em estudos sobre Moçambique e relações de gênero

2) Elaboração de tabela com dados desagregados;

3) Análises coletiva e publicação de resultados no formato de poster ou comunicação oral

Segundo ano

4) Organização da base de dados por tema, organização e seleção da dos textos que serão parte da análise qualitativa.

4.1- Escolha e organização da rota de leitura

4.2- Leitura, fichamento e análises de resultados

4.3- Escrita do estado da arte da pesquisa sobre relações de gênero em Moçambique realizada desde o Brasil, traçando, agendas, metodologias e temas de pesquisa.

5) Mapeamento exploratório da produção acadêmica moçambicana e portuguesa, tabulação de resultados e análises. Escrita dos resultados e produção de um capítulo de livro

Bolsista 3 (Angola)

Primer ano

1) Mapeamento quantitativo da produção acadêmica brasileira sobre estudos de gênero e Angola:

1.1 - Nos acervos de bibliotecas de IES, considerando teses e dissertações e monografias.

1.2 - Nos arquivos das revistas científicas brasileiras especializadas em estudos feministas e em estudos africanos, prioritariamente

1.3 Identificação no google acadêmico e outras bases de dados, obras ou textos publicados por nome de acadêmicas especializadas em estudos sobre Moçambique e relações de gênero

2) Elaboração de tabela com dados desagregados;

3) Análises coletiva e publicação de resultados no formato de poster ou comunicação oral

Segundo ano

4) Organização da base de dados por tema, organização e seleção da dos textos que serão parte da análise qualitativa.

4.1- Escolha e organização da rota de leitura

4.2- Leitura, fichamento e análises de resultados

4.3- Escrita do estado da arte da pesquisa sobre relações de gênero em Moçambique realizada desde o Brasil, traçando, agendas, metodologias e temas de pesquisa.

5) Mapeamento exploratório da produção acadêmica moçambicana e portuguesa, tabulação de resultados e análises. Escrita dos resultados e produção de um capítulo de livro

Plano de pesquisa da orientadora

Primeiro semestre

Mapeamento quantitativo da produção acadêmica brasileira sobre Cabo Verde e São Tome e Príncipe, considerando teses e dissertações em instituições chaves, assim como

autoras. Interfase com a produção acadêmica sobre estes países em instituições de Portugal, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe

Elaboração de tabela com dados desagregados e publicação de resultados no formato de ponencia

Acompanhamento e Revisão dos resultados das bolsistas semanalmente

Segundo semestre

Mapeamento quantitativo e qualitativo das publicações no formato “artigo” nos jornais especializados em estudos africanos e estudos feministas; análises e publicação de resultados na forma de ponencia

Acompanhamento e revisão dos resultados das bolsistas; sistematização da informação e escolha dos trabalhos que serão analisados qualitativamente

Leituras teóricas sobre formação de campos de pesquisa e geopolítica do conhecimento nos estudos africanos

Terceiro semestre:

Elaboração de resultados, análises e escrita de artigo científico ou capítulo de livro.

Escrita, co-escrita e orientação da escrita acadêmica das bolsistas

Planejamento estratégico das publicações

Quarto semestre

Mapeamento exploratório da produção acadêmica guineense e portuguesa, tabulação de resultados e análises. Escrita dos resultados e produção de um capítulo de livro como mínimo por bolsista.

Resultados esperados

Como resultado esperado central, este projeto se propõe situar e mapear a produção de conhecimento brasileira sobre países africanos de língua oficial portuguesa na área de ciências humanas; este resultado pode se transformar em um livro como produto final do projeto, ou em artigos científicos escritos coletivamente, a coordenadora junto às bolsistas.

Resultados de processo:

- Construir junto as bolsistas de IC, instrumentos de recolha de dados de pesquisa (tabelas)
- Desenvolver e aplicar conhecimentos básicos de estatística, entendendo limitações e possibilidades dos dados produzidos no projeto
- Organizar os debates intelectuais em torno de um tema, neste caso, em torno da área estudos feministas africanos produzidos desde Brasil
- Analisar dados quantitativos e qualitativos sobre a produção de conhecimento no Brasil.
- Aprender a escrever resumos para eventos acadêmicos, no formato simples e expandidos; apresentação de trabalho científicos na Semana Universitária de 2025 e 2026
- Apresentar resultados parciais de pesquisa no formato poster, e resultados parciais e finais no formato de ponencia
- Escrever de forma individual ou colaborativa capítulo de livro ou artigo científico

Resultados esperados na forma de produtos:

4 capítulos de livro ou artigos científicos em autoria individual ou coletiva

8 apresentações em eventos científicos da Unilab, Nacional ou Internacional

1 anais de congresso/evento científico publicado

2 eventos científicos internacionais organizados em parceria **IV Coloquio internacional de estudantes de pós- graduação da Red Feminismos, Cultura e Poder**, formato híbrido, a ser realizado na UNICACH, Chiapas, México, Julho 2025 (Argentina, Brasil, México). E o **III Seminário Internacional Interseccionalidades** organizado pelo grupo CNPq “Estudos Feministas Africanos”(2026).

NOTA: O Coloquio internacional de estudantes é realizado a cada dois anos, onde as estudantes que são orientadas pelas professoras da Red Feminismos cultura e poder, expõem seus trabalhos, metodologias e avanços, em um ambiente plural e bilingue (español/português), que inclui mais de 6 universidades públicas mexicanas, 2 universidades argentinas e 1 universidade brasileira; para as estudantes da Unilab é uma oportunidade de conhecer debates feministas latino-americanos e partilhar suas pesquisas em um ambiente

seguro, junto a estudantes de pós graduação; e este evento teve sua primeira edição de forma virtual em 2021, com destaque a presença da intelectual sul-africana Zethu Matebeni como uma das conferencistas principais; e em 2023 se realizou uma nova edição, com dois momentos para debater estudos africanos em setembro e estudos afro diaspóricos em outubro, com eventos presenciais e virtuais, e com a apresentação de trabalho, esta vez foi organizado junto ao grupo África Contemporânea. Apesar de não contar com financiamento específico para o evento, conseguimos ter conferencistas de Guiné Bissau, Moçambique, EUA, e de universidades brasileiras como USP e UFBA. Este evento teve a publicação de anais através do projeto BPI edital 04/2022, que resultou em uma publicação de 400 páginas.

Relevância e repercussão do projeto para o desenvolvimento científico, tecnológico ou de inovação

A agenda científica brasileira adquiriu um perfil de internacionalização ao respeito dos países africanos desde a implementação da lei 10.639, mas os esforços de conhecimento na área de gênero avançam sem vasos comunicantes entre si, e por tanto, com impactos são reduzidos. A área de estudos feministas sobre países de língua oficial portuguesa está crescendo de forma significativa na UNILAB, no entanto, os trabalhos não chegam a ser publicados, e cada pesquisa parece iniciar os levantamentos de dados bibliográficos e estatísticos de zero. (Cabanillas, Nascimento e Jorge Cá, 2024, no prelo). Um mapeamento geral de temas, agendas e abordagens de pesquisa sobre as relações de gênero no Brasil, é uma forma de organizar os debates atuais nesta área. Esta base seria útil na escolha de bibliografia para as aulas universitárias, e para situar a produção unilabiana no marco da produção científica brasileira. Isto é particularmente relevante, pois significa aproveitar o potencial de conhecimento que se abre a partir do particular ambiente que a Unilab propicia, e contribuir no plano da pesquisa da sua missão e visão, fundada na internacionalização e interiorização da educação superior.

A hipóteses que está por trás de este projeto, assim como do BPI anterior, é que a Unilab, tem o potencial de liderar em termos científicos a área de estudos feministas africanos, podendo chegar a ser uma referência no Brasil. Além de estudantes de 6 nacionalidades diferentes, a Unilab também tem professoras especializadas em estudos de gênero no Instituto de Humanidades com perfil de alto nível. Algumas delas são parceiras do grupo CNPq que eu lidero “Estudos feministas africanos”, Denise Costa especializada em Moçambique, e Peti Mama Gomes, com trabalhos sobre Guiné Bissau; Dayane Silva dos Santos, do IFB, especializada em Angola. As estudantes oriundas dos Palops, ainda possuem uma vantagem comparativa, que é o conhecimento de línguas africanas nas quais realizam as suas pesquisas, algo pouco frequente entre os e as pesquisadoras estrangeiras, sejam brasileiras, latino-americanas ou euro-norte-americanas. Qual outra instituição no

Brasil poderia realizar pesquisa sobre os PALOPs nas quais utilizam-se 6 línguas africanas, ou como no BPI anterior, com o uso de mandjaku, felupe e crioulo guineense como línguas de pesquisa, sendo o português, a língua da escrita acadêmica.

A realização de este projeto, envolvendo a sistematização do debate brasileiro nesta área de conhecimento nas últimas duas décadas tem os seguintes impactos:

- Potencializar a internacionalização da pesquisa e ensino na área de estudos feministas africanos, com recorte nos países africanos lusófonos.

- Permite organizar a produção científica de forma genealógica, e como tal, facilita o ingresso nesta área de estudos das jovens acadêmicas, criando uma base e uma rota de leitura possível; identificando as lacunas e o tipo de abordagens.

- Situa em qual patamar encontra-se a Unilab, nos permitindo realizar escolhas estratégicas em termos de temas e metodologias para intervir neste campo de pesquisa

- No ensino universitário, não possuímos textos científicos que abordem o debate brasileiro sobre as relações de gênero em países africanos, sendo este tipo de textos centrais para preparar as aulas universitárias e situar os textos de leitura obrigatória que abordam algum país dos PALOPs, ou mesmo para ter como bibliografia obrigatória das disciplinas na Unilab

Potencializar a interiorização da pesquisa científica

- Os e as egressas da Unilab que trabalham na Rede de Ensino Público no Maciço de Baturité não contam com publicações gerais sobre os PALOPs, apenas com estudos de caso. Assim, a possibilidade de elaborar publicações gerais a partir de este projeto redundaria em um material de primeira qualidade e de interesse para a formação de professores. Os manuais com os que contamos atualmente não focam nos palops (Kizerbo, 2010; Mbokolo, 2014) ou não abordam as relações de gênero (Hernandes, 2005). Este projeto, de forma indireta também contribui com a implementação da Lei 10.639 nas escolas rurais cearenses da rede pública. Professoras e professores muitas vezes querem encarar um determinado tema para além do livro didático, mas por onde começar as leituras? De aí que os artigos que resumem o debate científico em torno de um tema são tão relevantes.

Para concluir, enfatizamos que a riqueza que atravessa à Unilab, e o potencial científico para se tornar numa referência nesta área, acaba se desagregando em esforços particularizados e de curto prazo, que avançam em direções diversas, e que se diluem num acervo da biblioteca de projetos e pesquisas de graduação, sem ser publicados como capítulos ou artigos, é uma memória acadêmica destinada ao esquecimento determinado pela tabela de temporalidade da Lei Nacional de Arquivos. No entanto, se esse avanço na pesquisa de gênero nos palpos fosse continuado, e direcionado, os resultados seriam potencializados e multiplicados. Uma prova disso é o BPI 04/2022, através do qual

conseguimos a publicação de um livro pela editorial Appris (no total, 13 capítulos de livro produto do projeto; 1 artigo A1; 1 artigo em revista de impacto internacional Q1); e nosso projeto “Gêneros e feminismos na África Global” para finalizar o livro foi escolhido pela Rockefeller Foundation para ser apoiado através de uma residência de 4 semanas no Bellagio Centre em 2024, onde foram selecionados 100 projetos entre 8mil concorrentes.

Assim, o potencial nesta área pode gerar uma referência dentro do campo de estudos africanos realizados no Brasil, e assim potencializar a partir da agenda científica brasileira internacionalizada, o diálogo com os países parceiros da Unilab. Este mapeamento nos permitirá realizar escolhas de temas e metodologias científicas de forma mais estratégica e direcionada a preencher as lacunas de nossa área de estudo.

Cronograma

Atividade/ Semestre	Março Agos 2025	Set- Fev 2026	Mar Ag. 2026	Set. 2026 Feb- 2027
Mapeamento de bases de dados dissertações e teses e monografias nos acervos online de bibliotecas de IES nos PALOPs- Tabelação de resultados quantitativos.	X			
Organização do IV Coloquio Internacional de Estudantes da Red Feminismos, Cultura e Poder, (Hibrido), com sede na Unicach, México. Apresentação do projeto de pesquisa e da metodologia neste evento	X			
Mapeamento da produção científica brasileira na área estudos feministas africanos nas revistas especializadas brasileiras ou não.	X			
Análises minuciosos de resultados, organização dos dados por temas, países, IES, região, entre outros fatores.		X		
Escrita de resultados em ponencias e/ ou artigos. Apresentação na XI Semuni da Unilab		X		X
Leituras teóricas e debate sobre geopolítica do conhecimento e da produção científica em estudos feministas africanos, em particular: Paul Houndonji, Oyeronke Oyegumi, Amina Mama, Cladio Ake e Elisio Macamo		X		
Elaboração das rotas de leituras genealógicas das pesquisas brasileiras sobre Estudos Feministas Africanos, por pais: Guiné Bissau, Angola e Moçambique		X		

Organização e apresentação de trabalhos do evento III Seminário Interseccionalidades, possivelmente em parceria com o VI Seminário do GPAC		X	X	
Publicação de anais do evento internacional				X
Leituras e fichamentos das pesquisas sobre estudos feministas africanos, relativas a Guine Bissau, Angola e Moçambique			X	X
Sistematização de resultados: participação em eventos científicos apresentando ponencia. Escrita de artigo científico ou capítulos de livros, mínimo de 4 (publicação de livro com resultados finais do projeto)				X
Escrita de relatório final e financeiro				X

Orçamento detalhado

Este projeto é um estudo da produção intelectual brasileira, assim, temos como prioridade, realizar esse mapeamento da forma mais extensa possível, o que inclui, a revisão nos acervos dos principais centros de produção de conhecimento e bibliotecas. Assim, sendo pesquisa de obras e em acervos online, resulta central que os computadores utilizados sejam de uma qualidade boa. Assim também, consideramos a possibilidade de comprar livros, sempre que estes não estejam disponíveis na biblioteca da universidade nem online. Priorizamos também o aprimoramento dos resultados, através da apresentação dos resultados de pesquisa em eventos científicos de estudos africanos ou estudos feministas, onde seja possível potencializar os aprendizados e a difusão da pesquisa.

Material permanente..... 12.300 reais

3 computadores laptop (3.500 cada um): .total 10.500 reais

Material bibliográfico

30 livros especializados (60 cada um): total 1800 reais

Serviços de pessoa físicazero

Serviços de pessoa jurídica.....10.300 reais

1 publicação de anais de evento internacional..... 2300 reais

1 publicação de livro físico/ ebook resultado do projeto.....8000 reais

Diárias e passagens (apresentações em eventos científicos) 13.400 reais

1 passagens nacionais (2500 cada um): 2500 reais

5 diárias nacionais (320 cada diária): 1800 reais

1 passagem internacional 5452 reais

2 diárias internacionais..(200 USD cada uma). 3648 reais

Antecedentes

a- Relatório Técnico do BPI 2022

Como resumo, considero que os resultados mais relevantes são o fato de ter organizado 3 publicações em 3 países diferentes (Brasil, Argentina e África do Sul). Em particular, coordinei ou coordinei 2 livros na área temática do projeto: “Estudios feministas africanos” aceito para publicação pela editorial universitária EDULP, Argentina, reunindo pesquisadoras africanas ou latino-americanas que realizam estudos de longo prazo sobre relações de gênero em Egito, África do Sul, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, Marrocos, Moçambique e Quênia, com a tradução do português ao espanhol de 4 capítulos de pesquisadoras de IES brasileiras e um capítulo do inglês para o espanhol; e o livro “Gêneros e feminismos na África Global”, resultado direto do projeto de pesquisa BPI 2022; destaco também a organização do dossiê “In between Africa and America LATina”, na prestigiosa revista sul-africana SARS; e o artigo “Feminismo Negro na Literatura Angolana, publicado junto a Lindiana de Oliveira, na Revista Estudos Feministas, com qualis A1, resultado também do projeto BPI 2022.

Em termos de orientações, destaco que: conseguimos ter continuidade nas 5 bolsas de IC do BPI, assim como no edital CNPq PIBITI, ganho em 2023 e renovado em 2024, com cambio de bolsista. Entre as bolsistas BPI Funcap, destaco que, durante o período da bolsa, Ana Raquel Reginaldo Silva realizou o processo seletivo para o Mestrado Interdisciplinar em Humanidades e passou primeira na linha 2, obtendo bolsa Funcap para cursar seu mestrado, com um tema que é continuidade da pesquisa BPI; Também Ericania Almeida Gomes, quem está prestes a se formar em Antropologia na Unilab, e foi bolsista BPI, passou no mestrado em antropologia da UFG, primeira na linha de pesquisa que se inscreveu, garantindo assim, ter bolsa para seus estudos de mestrado nessa instituição; no caso da minha ex orientanda Maria da Luz Fonseca de Carvalho, destaco que terminou seu mestrado e rapidamente passou no doutorado em Antropologia da UFG. As outras 4 estudantes que foram bolsistas BPI Funcap ainda não concorreram aos mestrados por ter ainda um ou 2 semestres de graduação pela frente. Destaco assim, não as orientações concluídas, que foram muitas, e sim, o sucesso das ex orientandas no seu crescimento acadêmico.

Após da experiencia do edital BPI2022, me considero integralmente apta para continuar projetos de pesquisa de IC, e no relatório técnico pode se apreciar os resultados da equipe, com importantes atividades desenvolvidas pelas bolsistas de IC, dentro e fora do nosso projeto. Em termos da minha pessoa, como pesquisadora em 2024 obtive importantes reconhecimentos: passei um rigoroso e difícil processo seletivo na Residencia no Bellagio Center, Italia, da Rockefeller Foundation, onde apresentei como projeto, finalizar as correções do livro “Gêneros e feminismos na África Global”, financiado pelo edital BPI 04/2022 da Funcap; e ter sido escolhida como avaliadora internacional dos rankings de universidades THE e QS Global Academy.

Todos os comprovantes de este breve resumo de antecedentes encontram-se no relatório técnico.

b- Quatro resumos simples e um resumo expandido publicados nos anais da X Semuni- Unilab 2024 e quatro banners apresentados por estudantes que não foram bolsistas BPI 2022, mas que são/foram parte da equipe integrada de pesquisa

Como antecedente central, temos o relatório técnico do BPI 2022. No entanto, para este projeto, temos na equipe executora 4 integrantes que não estão listadas como bolsistas Funcap, e sobre as quais anexo as suas apresentações na última Semuni, evidenciando que já estão incorporadas na dinâmica de uma equipe de pesquisa. Cabe mencionar que uma delas, Suzana Jorge também co-escreveu um dos capítulos do livro “Gêneros e feminismos na África Global”, junto comigo e com Cassiane Nascimento, resultados do projeto de pesquisa de inovação tecnológica PIBITI/CNPq/ Unilab.

- 1- Resumo simples aprovado para apresentação de banner, para a pesquisa em andamento de **Felismina Jorge Ca** na X Semana Universitária da Unilab 2024: <http://semuni.unilab.edu.br/submissao/index.php?pagina=gerar-trabalho&trabalhold=8102> Publicado nos anais da X SEMUNI Unilab 2024, ISSN: 2447-6161
- 2- Resumo simples aprovado para apresentação de banner, para a pesquisa em andamento de **Suzana Manuel Jorge** na X Semana Universitária da Unilab 2024: <http://semuni.unilab.edu.br/submissao/index.php?pagina=gerar-trabalho&trabalhold=8155> Publicado nos anais da X SEMUNI Unilab 2024, ISSN: 2447-6161
- 3- Resumo simples aprovado para apresentação de banner, para a pesquisa em andamento de **Suzana Manuel Jorge** na X Semana Universitária da Unilab 2024. Publicado nos anais da X SEMUNI Unilab 2024, ISSN: 2447-6161 <http://semuni.unilab.edu.br/submissao/index.php?pagina=gerar-trabalho&trabalhold=8137>
- 4- Resumo simples aprovado para apresentação de banner, para a pesquisa em andamento de **Suzana Manuel Jorge** (PIBITI/Cnpq 2024) na X Semana Universitária da Unilab 2024. Publicado nos anais da X SEMUNI Unilab 2024, ISSN: 2447-6161 <http://semuni.unilab.edu.br/submissao/index.php?pagina=gerar-trabalho&trabalhold=8092>
- 5- Resumo expandido aprovado para apresentação de banner, para a pesquisa finalizada de **Cassiane Nascimento de Carvalho** (PIBITI/CNPq 2023) na X Semana Universitária da Unilab 2024. Publicado nos anais da X SEMUNI Unilab 2024, ISSN: 2447-6161 <http://semuni.unilab.edu.br/submissao/index.php?pagina=gerar-trabalho&trabalhold=8130>

Nota: Este projeto foi adaptado para as 3 bolsas de IC oferecidas no edital. No entanto, a equipe que eu coordeno tem entre 7 e 10 estudantes, a depender da flutuação (pois estudantes sem bolsa acabam entrando para estágios da prefeitura ou para atividades de extensão, ou mesmo passam a vender comida para sobreviver). A ausência de bolsa ralentiza os trabalhos; em contraposição, tendo a bolsa, maximizamos os resultados, como pode ser observado no relatório técnico anterior. Assim, gostaria de informar que nosso

projeto tem a capacidade e a necessidade de gerir o trabalho de bolsistas em quantidades maiores das que previstas no edital. Embora não apareça como normas no edital, caso houver cotas de bolsa não executados que possam ser reabsorvidas por outros projetos, quero informar que gostaríamos de ter mais bolsistas e que para 2025/2026 temos a capacidade de absorver com certa tranquilidade até 8 bolsas de IC em total, devido a nossa modalidade de trabalho. Não falo isso com soberbia, se não como uma necessidade bem concreta da nossa equipe, e como uma necessidade que realmente faz uma diferença.

Referencias

AMADIUME, Ifi. (1987). **Male Daughters, Female Husbands. Gender and Sex in an African Society**. Zed Press. Appiah, Kwame Anthony. (1997). Na casa do meu pai: África na filosofia da cultura. Contraponto.

ANDESINA, Jimi (2012). Prácticas de la sociología africana: lecciones de endogeneidad y género en el mundo académico. Em Teresa Cruz e Silva y João Paulo Borges Coelho y Amelia de Souto Neves. **Cómo fazer ciências sociais na África. Questões epistemológicas, metodológicas e políticas** (pp. <https://www.codesria.org/spip.php?article1610&lang=en> 195-209). CODESRIA.

BÂ, Hampate. (2011). A tradição viva. En Joseph Ki -Zerbo. **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África** (pp. 167-212). UNESCO.

CABANILLAS, Natalia; NASCIMENTO, Cassiane e Suzana JORGE CA. África na escola: construindo pontes para a pesquisa e ensino das relações de gênero em contextos africanos. Em CABANILLAS (coord). **Gêneros e feminismos na África Global**. Editorial Appris, no prelo.

CASIMIRO, Isabel. **Paz na Terra, Guerra em Casa. Feminismo e organizações de mulheres em Moçambique**. Recife: Editora UFPE, 2014. https://www.ufpe.br/documents/38978/1182937/paz-e_terra.pdf/93e804da-8659-4acb-8928-3120616ef807

CASIMIRO, Isabel; ANDRADE, Ximena. A identidade do feminismo crítico em Moçambique: situando a nossa experiência como mulheres, acadêmicas e ativistas Maputo: CEA/UEM, 08/08/2007.

CURTIN, P. D. (2010). Tendências recentes das pesquisas históricas africanas e contribuição à história em geral (Cap.3). KI -ZERBO, Joseph. **História geral da África, I: Metodologia e pré história da África** (pp. 57-71). UNESCO.

EKINE, Sokari; ABBAS; Hakima (Orgs.) (2013). **Africa Queer: a reader**. Pambuzuka Press. Eltahawy, Mona. (2019). Seven necessary sins for women and girls. Beacon Press.

GASA, Nomboniso (Ed.). **Women in South African History. Basus'iimbokodo, Bawel'imilambo**. Cidade do Cabo: HSRC Press, /view/61244. 2007.

GASPARETTO, V. F.; Amancio, H. P.; Maúngue, H. (2021) El campo de estudios y la construcción de la igualdad de género en Mozambique: las aportaciones de Ana Loforte e Isabel Casimiro. **Artemis**, 32, (1), s/p. <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article>

GASPARETTO, Vera. O campo dos estudos de gênero em M CASIMIRO, Isabel; ANDRADE, Ximena. *A identidade do feminismo crítico em Moçambique: situando a nossa experiência como mulheres, acadêmicas e ativistas* Maputo: CEA/UEM, 08/08/2007.

GOETZ, Anne Marie; Hassim Shirem (eds.). (2003). **No shortcuts to power. African Women in Politics and Policy Making**. ZedBooks.

GOMES, P. De emancipadas a invisibles: las mujeres guineanas en la producción intelectual del Instituto Nacional de Estudios e Investigación (INEP). **Revista Páginas**, 13(32), 2021, s/p.. <https://doi.org/10.35305/rp.v13i32.509>.

GOMES, Patricia Godinho e FURTADO, Cláudio. **Encontros e desencontros de lá e de cá do Atlântico: mulheres Africanas e Afro-brasileiras em perspectiva de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2017.

GOMES, Patrícia Godinho. "Las otras voces". Trayectorias de las mujeres, cultura política y procesos emancipatorios en Guinea Bissau. **Odeere: Revista del Programa de Posgrado en Relaciones Étnicas y Contemporaneidad**, 1, (1), 2016, pp. 121-145 . <https://doi.org/10.22481/odeere.v0i1.1536>

GOUWS, Amanda (Ed.). **(Un) Thinking Citizenship. Feminist Debates in Contemporary South Africa**. Cidade do Cabo: UCT Press, 2005.

GQOLA, Pumla Dineo. **Rape. The South African Nightmare**. MF Books Joburg, 2015.

GQOLA, Pumla. **Female Fear Factory**. Merlinda Ferguson Books: Cape Town. 2021.

HOUNTONDJI, Paulin. Conhecimento de África, conhecimento de africanos: duas perspectivas sobre os estudos africanos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Lisboa, n. 80, p. 149-160, março. 2008.

KIZERBO, Joseph (Ed. geral). *História Geral da África* (8 volúmenes). Brasília: Editora Cortez/ UNESCO, 2010.

LEWIS, Desiree. (2000). AFRICAN FEMINIST STUDIES: 1980-2002 A Review Essay for the African Gender Institute's "Strengthening Gender and Women's Studies for Africa's Social Transformation" Project. 10.13140/RG.2.2.21537.71523.

MAHMOOD, Saba. (2006). Teoria Feminista, Agência e Sujeito: algumas considerações sobre o revivalismo islâmico em Egipto. **Etnográfica**, X (1), 121-158. http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087365612006000100007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

MAMA, Amina. **Women's Studies and Studies of Women in Africa During the Nineties**. Dakar: CODESRIA, 1996.

MATEBENI, Zethu (2017). Perspectivas do Sul sobre relações de gênero e sexualidades: uma intervenção queer. **Revista Antropologia**. 60 (3), 26-43. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/21790892>

MATEBENI, Zethu. (Curadora) *Reclaiming Afrikan: queer perspectives on sexual and gender identities*. Cape Town: Modjaji books. 2015.

MAZRUI, Ali A. Global Africa: From Abolitionists to Reparationists. *African Studies Review*, vol. 37, no. 3, 1994, pp. 1–18. JSTOR. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/524900>. Acesso 28 jul. 2023.

MAZRUI, Ali. “Procurarei primeiro o reino político”. En A. Mazrui (Ed.). **História Geral de África. Tomo VIII. África desde 1935.** (125-149). Brasília: Unesco y Cortez Editora, 2011b

MAZRUI, Ali. Introdução. En A. Mazrui (Ed.). **História Geral de África. Tomo VIII. África desde 1935.** (pp. 1-29). Brasília: Unesco y Cortez Editora, 2011a.

MBOKOLO, Elikia. **África Negra_ História e Civilizações** – Tomo I e II. Salvador: EDUFBA, 2011.

McCLINTOCK, Anne. **Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial.** São Paulo: Editora da Unicamp, 2010.

MUSISI, Nakanyike. (2022). Women’s and Gender Studies in Africa. 10.1093/oxfordhb/9780197608494.013.6.

OYEWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **A invenção das mulheres: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero.** São Paulo: Bazar do Tempo, 2020.

PAREDES, Margarida. Biografias, memórias coloniais e legados pós-coloniais. **Revista Ideação**, n. 35, 2017 395-409.
<http://periodicos.uefs.br/index.php/revistaideacao/article/view/1881>

PAREDES, Margarida. **Combater duas vezes: mulheres e luta armada em Angola.** Lisboa: Verso da História, 2015.

RATELE, Kopano. **Liberating masculinities.** Cidade do Cabo: HSRC Press, 2016.

SANTANA, Jacimara Souza. **Médicas-sacerdotisas: religiosidades ancestrais e contestação ao sul de Moçambique (1927-1988).** Campinas, EDUNICAMP, 2018.

SANTANA, Jacimara Souza. **Mulheres Africanas de Moçambique na Revista Tempo (1975 1985).** Salvador: Casa Aberta/Biblioteca Nacional, 2014.

SANTOS da Silva, Dayane Augusta. **Na cobertura da retaguarda. Mulheres angolanas na luta anticolonial (1961-1974).** Tesis (Doctorado en Historia) — Universidad de Brasília, 2021.

SILVA, Tatiana R. R.; Barbosa, V. O. (Orgs.). **África e Afro-Brasil em debate.** São Luis: EDUEMA, 2019.

SILVA, Tatiana R. R.; Barroso Junior R. S. (Org.); Sousa, W. E. B. (Org.). **África Brasil: cultura, experiências e questões raciais no sul global.** São Luis: Pitomba/EDUEMA, 2022.

SOW, Fatou. The social sciences in Africa and gender analysis. En A. Iman; A. Mama; F. Sow, (eds.). **Engendering African Social Sciences.** CODESRIA. 1997

TAMALE, Sylvia (Ed.). **African sexualities. A reader.** Nairobi: Pambazuka Editores, 2011.

VANSINA, Jean. (2011). A tradição oral e sua metodologia. En Joseph Ki -Zerbo. **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África** (pp. 139-165). UNESCO / Cortez Editora.

Sítios web consultados

13 Mundos de Mulheres e Fazendo gênero 2017. Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. 13º Mundos de Mulheres & Fazendo Gênero 11 (ufsc.br) 14 Mundos de Mulheres, 2022. Universidade Eduardo Mondlane, Mozambique. <http://www.mm2022.org>

Biografia de Mulheres Africanas. Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Brasil. Biografias de Mulheres Africanas (ufrgs.br). [Biografias de Mulheres Africanas](#)

Centro de Estudios de Asia y África. El Colegio de México, México. <https://ceaa.colmex.mx/>

Diretorio de Grupo de pesquisa- Plataforma Lattes: [Diretório de Grupos de Pesquisa - Plataforma Lattes - CNPq](#)

Filosofia Africana <https://filosofia-africana.weebly.com/>

Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Estudos Étnicos e Africanos. Centro de Estudos Afro- Orientais. Universidade Federal da Bahia, Brasil. Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos (ufba.br). [Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos](#)

Revista Afro- Ásia. Universidade Federal da Bahia Afro-Ásia (ufba.br). [SciELO - Afro-Ásia](#)

UNILAB EM DADOS. [Dados Abertos](#)